A REPRESENTAÇÃO DO PECADO E DA SALVAÇÃO NA OBRA O JARDIM DAS DELÍCIAS TERRENAS E SUA RELAÇÃO COM A MENTALIDADE RELIGIOSA NO SURGIMENTO DA ERA MODERNA

Antônio Sette Chiocchetti Vella Fernandes, Giulianna Guarnieri de Faria Pereira, João Vitor Macedo Vieira, Thalita de Fátima Santos da Cunha Costa

[1]Universidade do Vale do Paraíba/Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento, Avenida Shishima Hifumi, 2911, Urbanova - 12244-000 - São José dos Campos-SP, Brasil, antonioscvf@gmail.com, giuliannagfp2006@gmail.com, joaovitormacedovieira2007@gmail.com, thalicosta8@gmail.com

Resumo
Este artigo analisa como o pecado e a salvação são representados no quadro “O Jardim das Delícias Terrenas”, de Hieronymus Bosch. A proposta é entender os medos religiosos na passagem da Idade Média para a Era Moderna. A pesquisa foi feita através de uma revisão de literatura, focada na análise iconológica (Panofsky, 1996) dos símbolos da pintura e na história do pensamento da época. Os resultados apontam que a obra usa elementos visuais, como frutas gigantes, estruturas de vidro frágeis e instrumentos de tortura, para veicular um forte aviso moral. A pintura demonstra que a fraqueza humana e a busca por prazeres carnais conduzem ao castigo divino. Conclui-se que a obra é um documento histórico valioso, que transcende a mera ilustração da religião cristã, refletindo uma sociedade dividida entre a tradição religiosa medieval e as novas ideias do Renascimento, que passavam a valorizar mais o ser humano.

Palavras-chave: História; Arte Moderna; Religião; Era Moderna.

Área do Conhecimento: Ciências Humanas.

Introdução

O presente artigo tem como tema a análise da representação do pecado e da salvação na obra "O Jardim das Delícias Terrenas", do pintor Hieronymus Bosch, investigando sua relação com a mentalidade religiosa que caracterizou o ocaso da Idade Média e o emergir da Era Moderna. A pintura, rica em simbolismo e complexidade iconográfica, é examinada como expressão das angústias e crenças de uma sociedade profundamente marcada pela religiosidade, pelo temor ao pecado e pela obsessão com a salvação da alma em face do Juízo Final (Macedo, 2017). Segundo Fraenger (1980, p. 12), a obra de Bosch "não é um reflexo passivo de seu tempo, mas uma tomada de posição ativa diante dos problemas teológicos e morais que agitavam a Europa". Nesse sentido, a complexidade visual do tríptico demanda uma leitura que vá além da superfície, exigindo a decodificação de um repertório de símbolos que dialogam diretamente com as pregações moralizantes e os manuais de confissão tardo-medievais (Belting, 2017). Ao mesmo tempo, a obra insere-se em um contexto de transição histórica, no qual emergiram novas correntes de pensamento, como o Humanismo renascentista, o florescimento da ciência moderna e os primeiros questionamentos à autoridade eclesiástica, que culminaram na Reforma Protestante. Como observa Huizinga (2019, p. 321), "no crepúsculo da Idade Média, a alma religiosa oscilava entre a disciplina eclesiástica milenar e a inquietação de um novo olhar sobre o mundo". Desse modo, o estudo propõe-se a compreender como a arte de Bosch reflete as tensões entre a tradição medieval e as transformações culturais que anunciavam a modernidade, evidenciando o papel da imagem como fonte histórica para a apreensão das mudanças nos valores e na visão de mundo europeia entre os séculos XV e XVI. Conforme argumenta Koemer (2016, p. 87), a obra de Bosch "encena a própria crise da imagem sagrada na aurora da modernidade, condensando em formas híbridas as certezas medievais e as dúvidas nascentes". A partir dessa perspectiva, a pintura não se limita a ilustrar dogmas, mas participa

ativamente da construção de uma nova sensibilidade religiosa e cultural, reafirmando o potencial da análise iconográfica e contextual como ferramenta metodológica para a compreensão histórica (Burke, 2017).

A análise do tema “A representação do pecado e da salvação na obra O Jardim das Delícias Terrenas e sua relação com a mentalidade religiosa no surgimento da Era Moderna” justifica-se pela importância de se compreender como a arte pode revelar transformações históricas profundas. A obra se insere em um momento de transição para a Era Moderna, quando surgiam novas formas de pensar, como o Humanismo renascentista, que valorizava o ser humano e a razão, o fortalecimento do pensamento científico e crítico, e questionamentos à autoridade religiosa que mais tarde se intensifica com a Reforma. Analisar essa representação permite compreender como a mentalidade religiosa moldava comportamentos e valores, ao mesmo tempo em que novas ideias começavam a transformar a visão de mundo europeia, tornando a arte uma fonte histórica essencial para entender esse período de mudanças. Ao longo da História, o Jardim das Delícias foi alvo de discussões acerca de suas interpretações. Uma delas é de que o tríptico refletiria a emergente diversidade da Idade Moderna, impulsionada pela expansão ultramarina das grandes potências navais europeias, o que seria atestado pelo interesse particular de Filipe II, Rei da Espanha, um homem não somente preocupado com os males da alma de seu tempo, como em contato com a diversidade moderna (Macedo, 2017). A questão imperiosa, todavia, mostrou-se como a seguinte: o que o Paraíso e o Inferno de Bosch representam? Segundo Sevcenko (1994, p. 73), na arte de Bosch a “intenção é sempre claramente moralizante e seus quadros trazem uma severa crítica ao caráter ávido e dissoluto da sociedade de seu tempo.” É, portanto, razoável pensar o Jardim das delícias como uma reação espiritual, mesmo que não motivada diretamente por razões religiosas pessoais do pintor, mas certamente imbuída em misticismo, à guinada de pensamento moderna, influenciada por movimentos como o Renascimento cultural, cujo mote distanciou do teocentrismo, rumo ao ser humano como cerne.

Nesse sentido, o objetivo deste artigo é analisar de que maneira a obra "O Jardim das Delícias Terrenas", de Hieronymus Bosch, atua como reflexo dos receios religiosos do período em que foi concebida. Assim, busca-se compreender como a representação do pecado e da salvação na obra se insere no imaginário social durante o emergir da Era Moderna, entendendo de que forma os homens religiosos da época interpretavam essa pintura enquanto espelho da diversidade e das tentações da vida. Por fim, tem-se o intuito de explorar a utilização do Inferno e do Paraíso por Bosch para abordar o âmbito moral e espiritual de uma sociedade que florescia diante de novas perspectivas em um mundo em transformação.

Metodologia

A pesquisa adota uma metodologia qualitativa, estruturada como revisão de literatura com base na análise iconológica (Panofsky) e na história das mentalidades (Delumeau, Burke). O percurso replica-se em três etapas: (1) levantamento sistemático de publicações dos últimos quinze anos nas bases SciELO, Capes e Google Scholar, com descritores como “pecado”, “salvação” e “Hieronymus Bosch”; (2) análise do tríptico O Jardim das Delícias Terrenas a partir de categorias predefinidas (culpa, castigo, graça divina); (3) articulação entre os achados visuais e o conceito de transição da mentalidade medieval à moderna. A replicabilidade é garantida pela explicitação dos critérios de seleção das fontes e das etapas interpretativas.

Resultados

Após levantamento bibliográfico e análise do tríptico de Bosch a partir do método iconográfico-iconológico, dado pela observação dos elementos gráficos que compõem a obra e pela interpretação

dos significados e simbolismos culturais imbuídos nos ditos componentes, a fim de aferir a maneira com a qual os receios religiosos para com a transição Medievo-Renasci-mento e o florescimento do pensamento antropocêntrico racionalista influenciaram na composição do Jardim do pintor flamengo, obteve-se os seguintes resultados:

Tabela 1 - Análise iconográfica e interpretação iconológica.

Análise Iconográfica	**Interpretação Iconológica**
Estrutura tríptica, começando no Éden (painel da esquerda), passando pela Paisagem Festiva (painel central) e finalizando no Juízo Final (painel da direita)	Transitividade da condição humana; Alerta Moral; Ansiedade espiritual do fim da Idade Média e início do Renascimento; Sermão moralizante imbuído no ideário cristão sobre livre-arbítrio e salvação.
Figuras nuas envolvidas em atos sensuais e festivos	Luxúria; Tentação carnal; Escolha e perdição; Fragilidade humana.
Frutas gigantes, aves, conchas e artefatos estranhos	Onipresença da tentação; Apetites carnais.
Instrumentos musicais, objetos de jogo e ferramentas	Engodos de tortura para os condenados; Inevitabilidade do juízo divino; Consequências do pecado.
Morangos, cerejas e framboesas	Breve doçura dos prazeres sensuais; Fruto proibido; Pecado original; Perda da virgindade; Semente da perdição.
Bolhas de vidro, estruturas transparentes e delicadas	Mundo como vidro, belo e facilmente quebrável; Alegria mundana é instável e passageira; Vida sem bases sólidas se dissolve em caos e desarmonia.

Fonte: Autores (2026).

Percebeu-se que a própria estrutura escolhida por Bosch conta uma história de pecado e castigo, na qual, o ser humano, frágil e propenso a artifícios impressionáveis, cede facilmente às tentações mundanas, como Adão e Eva fizeram no Éden ao cometerem o pecado original, como as figuras nuas fazem na paisagem festiva do painel central, entregando-se a seus apetites carnais e fragilidades, representados por artigos de variadas sortes (frutas gigantes e suculentas, aves, conchas, artefatos, bolhas e estruturas de vidro, etc.), e por isso os indivíduos são castigados no painel do Juízo Final, afligidos com instrumentos musicais, objetos lúdicos, ferramentas e outros objetos bizarros, versões deformadas dos artefatos apresentados no painel central, evidenciando o pecado como motivo da punição. Todo esse cenário minuciosamente confeccionado por Bosch revela em forma de aviso moralizante as preocupações dos homens europeus situados no tempo transitório da Idade Média para a Idade Moderna, que foi palco do avivamento das ideias de uma burguesia ascendente, advogada do humanismo, do racionalismo e do antropocentrismo, que buscaram afastar de Deus o cerne da vida, visando o Homem. O caso de Bosch é relevante, uma vez que, situado na Flandres moderna, epicentro da ascensão burguesa, esteve em contato constante com essas ideias.

Discussão

A estrutura tríptica da obra, começando no Éden (painel da esquerda), passando pela Paisagem Festiva (painel central) e finalizando no Juízo Final (painel da direita), estabelece uma narrativa visual sobre a transitividade da condição humana. O painel central exibe figuras nuas em atos sensuais e

festivos, cercadas por frutas gigantes, aves, conchas e artefatos estranhos que simbolizam os prazeres terrenos e a luxúria; no painel direito, uma visão infernal onde instrumentos musicais, objetos de jogo e ferramentas são transformados em engodos de tortura para os condenados. Já a leitura iconológica, ou seja, a interpretação do significado profundo dessa iconografia à luz do contexto histórico, teológico e social, sugere um complexo alerta moral sobre as consequências do pecado. Bosch, inserido no final da Idade Média e início do Renascimento, reflete a crescente ansiedade espiritual de sua época, dialogando com temas como a fragilidade da virtude humana, a onipresença da tentação e a inevitabilidade do juízo divino. Assim, o painel central, aparentemente festivo, representa, para a iconologia, um momento de escolha e perdição, onde a humanidade, entregue aos apetites carnais, caminha cegamente para o castigo retratado no painel direito, uma síntese visual dos sermões moralizantes e da cosmovisão cristã sobre o livre-arbítrio e a salvação. A análise da obra O Jardim das Delícias Terrenas, de Hieronymus Bosch, permitiu evidenciar como a pintura tríptica constitui um documento visual privilegiado para a compreensão das transformações da mentalidade religiosa no ocaso da Idade Média e no alvorecer da Era Moderna. Por meio da metodologia iconológico-iconográfica (Panofsky, 1996) e da história das mentalidades, verificou-se que Bosch não se limitou a ilustrar dogmas cristãos, como também elaborou um sofisticado alerta moral acerca das consequências do pecado, da fragilidade da virtude humana e da inevitabilidade do juízo divino. A estrutura transitiva do tríptico, do Éden à paisagem festiva e ao Inferno, revela uma narrativa visual em que os prazeres sensuais, simbolizados por frutas gigantes, bolhas de vidro e artefatos híbridos, conduzem irremediavelmente ao castigo. Constatou-se, ademais, que a obra reflete as tensões características do período de transição entre a cultura medieval teocêntrica e o ainda emergente antropocentrismo renascentista. Ao mesmo tempo em que ilustra os sermões moralizantes e os manuais de confissão tardo-medievais, o tríptico dialoga com as inquietações de uma sociedade em contato com o humanismo, o racionalismo e a ascensão burguesa. Desse modo, a pintura de Bosch evidencia como a arte atua como agente ativo na construção e transformação da sensibilidade religiosa e cultural.

Conclusão

Conclui-se, portanto, que O Jardim das Delícias Terrenas permanece como fonte histórica essencial para a compreensão das mudanças nos valores e na visão de mundo europeia entre os séculos XV e XVI, reafirmando o potencial da análise iconográfica para a investigação das mentalidades.

Referências

BELTING, Hans. **Hieronymus Bosch**: jardim das delícias terrenas. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular**: história e imagem. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 2017.

FRAENGER, Wilhelm. **O Reino Milenar de Hieronymus Bosch**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

KOEMER, Joseph. **Bosch and Bruegel:** from enemy painting to everyday life. Princeton: Princeton University Press, 2016.

MACEDO, Heitor. **Hieronymus Bosch e a diversidade do mundo**. São Paulo: Editora 34, 2017.

SEVCENKO, Nicolau. **O Renascimento**. 2. ed. São Paulo: Atual, 1994.

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.